

A polissemia do *cabra* à luz da teoria da metáfora conceptual

Fernanda Carneiro Cavalcanti¹

Resumo: Segundo a visão da mente corpórea em Lakoff e Johnson (1980) e em Lakoff (1987), mapeamentos metonímicos e metafóricos motivariam conceitos mais abstratos estruturados por palavras polissêmicas a exemplo da expressão convencional *cabra* usada por membros da comunidade nordestina brasileira, que, além de se referir ao dito animal, refere-se a homem em geral ou a certos tipos de homens. Esse trabalho visa discutir a polissemia da expressão *cabra* à luz da Teoria da Metáfora Conceptual a partir de dados obtidos entre os anos de 2010 e 2013 com pesquisa realizada por ocasião de tese de doutorado.

Palavras-chave: Mente corpórea. Mapeamentos metafóricos. Polissemia. Cabra.

Abstract: According to embodied mind approach in Lakoff & Johnson (1980) and in Lakoff (1987), metonymic and metaphorical mappings would motivate the more abstract concepts structured by polysemic words such as the conventional *cabra* (goat) expression used by members of the northeastern Brazilian community, which in addition to referring to the animal refers to men in general or to a kind of man. This article aims to discuss the polysemy of expression of *cabra* (goat) in light of Conceptual Metaphor Theory based on the data obtained between 2010 and 2013 along with PHD research.

Key Words: Embodied mind. Metaphorical mappings. Polysemy. Cabra (goat).

Résumé: D'après la vision de la cognition incarnée chez Lakoff et Johnson (1980) et Lakoff (1987), les correspondances métonymiques et métaphoriques motiveraient des concepts plus abstraits structurés par des mots polysémiques à l'exemple de l'expression *cabra* (chèvre) employée par les membres de la communauté du Nord Est du Brésil qui se réfère soit à l'animal, soit à l'homme en général, ou encore à certains types d'homme. Cet article vise à discuter la polysémie de l'expression *cabra* (chèvre) basée sur les données obtenues entre les années de 2010 et 2013 à l'occasion de recherche de doctorat.

Mots-clé: Cognition incarnée. Correspondances métonymiques et métaphoriques. Polissemie. Cabra (chèvre).

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará com estágio doutoral no Laboratório de Psicologia Experimental do professor Raymond Gibbs da University of California, Santa Cruz. Professora adjunta do setor de Linguística da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Introdução

Ao discutirem a visão semântica adotada de forma hegemônica por grande parte dos linguistas, que se filiam ao que chamam de paradigma objetivista ou subjetivista, e dos lógicos de tradição fregeana, Lakoff e Johnson (1980) abordam duas estratégias utilizadas por tais especialistas no sentido de não considerar relevante a questão da metaforicidade na formação, sobretudo, de conceitos abstratos, a saber: (i) as duas versões – fraca e forte - da homonímia; (ii) e a Teoria da Mononímia chamada de Abstração por ambos os autores.

Nesse sentido, para Lakoff e Johnson (1980), ao contrário da Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, tais estratégias dificilmente explicariam de forma satisfatória a formação de conceitos abstratos, a exemplo do significado de *escorar* em expressões linguísticas como: Ele escorou sua argumentação. Se para a TMC, tal significado seria polissêmico, já que seria motivado e licenciado pela Metáfora Conceptual DISCUSSÃO É CONSTRUÇÃO, isto é, o conceito abstrato de *escora* no domínio alvo DISCUSSÃO estaria sendo entendido e motivado em termos experienciais e físicos de *escora* no domínio fonte CONSTRUÇÃO, a exemplo do significado em Ele escorou o muro; para a Teoria da Mononímia, por exemplo, o significado de *escorar* seria abordado como estruturado por meio de um único, abstrato e neutro conceito de *escora*.

Dessa forma, além de negligenciar padrões de conceptualização altamente produtivos, a exemplo das Metáforas Conceptuais, tal teoria não explicaria de forma satisfatória como o conceito de *escora* se

constituiria e operaria em termos distintos, já que sua visão a respeito desse conceito seria demasiado abstrata.

Para Silva (2003), a Teoria da Mononímia converte a polissemia em vaguidade ao considerar diferentes usos previsíveis de uma dada expressão a partir de princípios gerais pragmáticos. Tal autor (SILVA, 2003, p. 91) completa sua análise afirmando que: “a tese de um significado único, genérico e abstrato para determinada expressão linguística, [teria sido] a solução encontrada [por tal teoria] para manter o postulado linguístico ‘uma forma – um significado’”.

Lakoff e Johnson (1980) ponderam ainda que a versão forte da homonímia não consideraria, por exemplo, o conceito de *escora* estruturado como algo concreto em termos de algo abstrato, já que trata tais conceitos de forma separada, isto é, *escora* (1) e *escora* (2). A versão fraca da homonímia abordaria, igualmente, ambos os significados como *escora* (1) e *escora* (2), apesar de reconhecer que tais significados apresentariam alguns aspectos parecidos, estabelecendo, com isso, uma relação entre ambos com base em visão de uma similaridade abstrata.

Tais autores chegam a avaliar que a versão fraca da homonímia seria superior à versão forte, já que a primeira versão contemplaria algum tipo de relação entre os conceitos. Contudo, ponderam que tal abordagem teria como base a visão de que as similaridades compartilhadas pelos conceitos seriam dadas e suficientes. Assim, ao darem por falta de uma teoria da similaridade que possa lidar com o amplo leque de exemplos por eles repertoriados, Lakoff e Johnson (1980, p. 201, grifo dos autores) assinalam que “a posição da homonímia fraca negaria o fato de entendemos o abstrato em termos do concreto

ou de entendemos conceitos de um *tipo* em termos de conceitos de outro *tipo*”.

Ademais, para Grady (199), Lakoff e Johnson (1980) foram responsáveis pelo estabelecimento de vários dos princípios e convenções do que viria a ser chamado posteriormente de TMC, dentre os quais, o princípio da não similaridade. Dessa forma, tais autores teriam contrariado a visão preconizada pelos adeptos da Teoria do Significado Literal ou da Hipótese da Similaridade, influenciados, por sua vez, pela visão aristotélica de metáfora como recurso linguístico e retórico.

O princípio da não similaridade, segundo Grady (1997), pode ter como exemplo a relação recorrente entre os conceitos de *peso* e de *ausência*. Ou seja, de acordo com Grady (1997), tais conceitos licenciam grande número de expressões figuradas que são usadas em inglês, tal como, “sua ausência é muito penosa para mim” em Português do Brasil. Grady (1997) ainda acrescenta que a recorrência da relação entre ambos os conceitos mencionados fora observada em diferentes línguas usadas em diferentes épocas.

Em outras palavras, partindo da evidência de não similaridade entre os conceitos divergentes de *peso* e de *ausência*, seria plausível inferir, de acordo com Grady (1997), que a relação recorrente entre esses conceitos tem como base o cruzamento de domínios não similares que se constituem a partir da correlação entre as experiências humanas relativas a peso e à ausência, isto é, entre o domínio conceptual fonte Pesado, Suportar e Carregar, mais experiencial, e o domínio conceptual alvo Penoso, mais abstrato. Tal evidência faz Kövecses (2010) declarar que a relação de similaridade seria, de fato, produzida pelas Metáforas

Conceptuais, uma vez que não se teria, por exemplo, como explicar a ideia de a ausência de uma determinada pessoa ser sentida como um peso, sem recorrer à definição e à conceptualização de uma ausência pesada.

Com efeito, Lakoff e Johnson (1980) pleiteiam que as únicas similaridades relevantes para o funcionamento das Metáforas Conceptuais são o que chamam de similaridades experienciais. Nesse sentido, explicam que, mesmo concordando com o Paradigma Objetivista quanto à visão de as coisas no mundo exercerem uma função importante por impor restrições ao nosso sistema conceptual, discordam, no entanto, da maneira com a qual tal paradigma discute essas restrições. Isso porque, consoante a visão de uma mente corpórea preconizada pelos autores, as coisas no mundo exerceriam restrições apenas a partir de nossa experiência com elas.

Em outras palavras, nossas experiências, mesmo compartilhando de aspectos similares de caráter sensório-motor com o meio físico, apresentam diferenças de cultura para cultura e dependem, normalmente, de uma compreensão baseada no cruzamento entre domínios conceptuais. Ou seja, tais experiências determinariam as propriedades e similaridades das categorias de nosso sistema conceptual de modo que o único tipo relevante de similaridade encontrado nas metáforas seria aquele baseado na correlação de experiências corpóreas físico e socioculturalmente situadas.

Com base nessas considerações, levantaríamos uma pergunta inicial importante para o tema e objetivo de nosso artigo, a saber: Qual seria o conceito nuclear abstrato e neutro que relacionaria os significados de animal e de homem repertoriados na definição da expressão *cabra* constante em dicionários gerais como o de Ferreira

(2004)? Ou ainda quais seriam as similaridades abstratas compartilhadas entre os conceitos de homem e de cabra que estruturariam os significados polissêmicos da expressão convencional *cabra* que norteariam o possível tratamento polissêmico dispensado à expressão em questão em dicionários gerais como o de Ferreira (2004)?

A nosso ver, as duas estratégias discutidas por Lakoff e Johnson (1980), por não reconhecerem o caráter metafórico do sistema conceptual humano, negligenciam, dentre outras, a conceptualização de ser humano em termos de animal, que, por sua vez, se apresenta, de acordo com os estudos realizados no âmbito da TMC, como um dos padrões mais recorrentes para compreensão e categorização de ser humano. Conforme Kövecses (2010), o domínio fonte animal ocupa o terceiro lugar na lista dos domínios fonte mais mapeados pelo domínio alvo Ser Humano.

Ademais, tais abordagens negligenciam igualmente o caráter socioculturalmente situado da compreensão e conceptualização de ser humano em termos de animal, a exemplo da conceptualização de homem em termos de cabra na qual o MCI Cabra estaria sendo mapeado pelo MCI Ser Humano a partir de crenças e percepções acerca do papel da cabra por parte dos membros da comunidade do Nordeste do Brasil.

Em suma, embora Lakoff e Johnson (1980) não se tenham voltado de forma direta para o fenômeno da polissemia, defendem a visão de uma mente de natureza corpórea segundo a qual o conhecimento humano emergiria a partir da interação entre as configurações corpóreas humanas finitas e o ambiente físico e socioculturalmente situado. Ou seja, o conhecimento humano teria caráter motivado, já

que emergiria da interação de recursos cognitivos de natureza corpórea, a exemplo da Metáfora Conceptual, e o meio físico e socioculturalmente situado, cuja organização se daria por meio de *gestalts* experienciais, ou ainda por meio de Modelos Cognitivos Idealizados, doravante MCIs, segundo Lakoff (1987).

Para Lakoff (1987), na condição de construto responsável tanto pela organização do conhecimento humano como pela formação de conceitos e de categorias de natureza flexível e multidimensionais, os MCIs podem ser compreendidos a partir da seguinte tipologia: (i) aqueles responsáveis pela estruturação dos significados que emergiriam diretamente da interação entre aparato sensorio motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado; e (ii) aqueles metafóricos e metonímicos responsáveis pela estruturação dos significados indiretos ao realizarem mapeamentos entre os MCIs mais experienciais e os MCIs mais abstratos.

Por outro lado, Lakoff (1987) afirma que a polissemia, na condição de um dos princípios gerais que governam os fenômenos lingüísticos, deve se constituir em preocupação para um linguista. Acrescenta ainda que, com base em vários estudos feitos por autores como Brugman, Sweetser e Casad, foi possível concluir que tais generalizações devem ser descritas e explicadas em termos de organização conceptual. Dessa forma, para tal autor, a polissemia seria fenômeno que compreenderia a estruturação entre conceitos disjuntos a partir de processos de natureza primordialmente conceptual, sistemático e aberto dos quais estruturas conceptuais como os MCIs podem dar conta.

A partir de tais considerações, trataremos neste artigo da polissemia da expressão *cabra* à luz dos postulados contemplados pela TMC e da TMCI com base em dados coletados por ocasião de nossa

pesquisa de doutoramento. Pois, se, de um lado o carácter polissêmico de tal expressão é evidente, já que ela é usada para se referir tanto a ‘animal’ como a ‘homem em geral’ ou ainda a ‘certo tipo de homem’; por outro lado, em conformidade com Lakoff (1987) e Gibbs (2011), *Metáforas Conceptuais*, no caso metáforas animais, na condição de cruzamento de diferentes domínios experienciais que estruturam os conceitos mais abstratos, motivam palavras ou expressões polissêmicas, no caso a expressão convencional *cabra*.

A polissemia no âmbito da semântica cognitiva

No que pese a natureza da polissemia ser considerada por Lakoff (1987) como primordialmente conceptual, sistemática e aberta, tal fenómeno deve ser, sobretudo, investigado a partir da organização do sistema conceptual humano, mais precisamente com base na formação e funcionamento dos MCIs. Desse modo, a polissemia teria como base as relações sistemáticas de carácter radial ou multidimensional entre diferentes MCIs. Em suma, a polissemia é definida no âmbito da TMCI, como um fenómeno radialmente estruturado, de natureza conceptual, cujas extensões podem constituir novas centralidades. Devido à natureza prototípica de uma estrutura radial, suas centralidades seriam pautadas por necessidades, valores e propósitos humanos.

Além disso, Lakoff declara que:

[...] não se pode simplesmente assumir que, para além da acidental homonímia, exista apenas uma relação de rotularização entre uma dada palavra e um dado conceito. O léxico envolve muito mais do que uma mera rotularização conceptual. No caso [do estudo a respeito da preposição] *over*, como em demais casos de polissemia, uma palavra

corresponde a cada um dos membros de uma categoria natural de conceitos – uma categoria baseada em protótipos. É a respeito disso que a polissemia trata. A polissemia envolve organização cognitiva no léxico. Mesmo no nível individualizado da palavra, a linguagem se apresenta como parte inseparável da cognição geral. Os psicólogos não podem mais justificar que ignoram a linguagem por se tratar de uma mera rotularização, tampouco os linguistas não podem mais ignorar os princípios gerais da cognição, tais como os princípios da categorização (LAKOFF, 1987, p. 333-334, grifo do autor, tradução nossa)².

Em outras palavras, para Lakoff (1987), as relações entre os significados polissêmicos se constituem em caso de prototipia exemplar, visto que tais significados representariam os membros de uma categoria de caráter motivado e prototipicamente multidimensional. Tal caráter motivado das relações entre significados polissêmicos estaria intimamente ligado à questão da organização conceptual especialmente a recursos cognitivos como Metáforas Conceptuais ou MCIs metafóricos e metonímicos.

Nesse sentido, Lakoff (1987) argumenta que a polissemia não poderia ser abordada como uma lista de significados disjuntos tal como os dicionários gerais o fazem. Tal tratamento pode ser verificado em relação à definição do verbete *cabra* encontrada no dicionário geral Ferreira (2004), onde o consulente se depara com a seguinte organização dos significados: 1. Mamífero ruminante, a fêmea do bode. 2. Cábrea. 3. Pop. Mulher devassa. 4. fig Mulher de mau gênio,

² [...] is that one cannot simply assume that, aside from accidental homonymy, there is a one-to-one labeling relationship between single words and single concepts. The lexicon involves much more than mere labeling concepts. In the case of *over*, as in other cases of polysemy, an individual word correlates with each member of a natural category of concepts- a prototype-based category. That is what polysemy is about. Polysemy involves cognitive organization in a lexicon. Even at the level of the individual word, language is an inseparable part of general cognition. Psychologists are no more justified in ignoring language as mere labeling than linguists are in ignoring general principles of cognition, such as principles of categorization. (LAKOFF, 1987, p. 333-334)

irritadiça, escandalosa. 5. Astr. Capricórnio. S.m 6. Bras. Mestiço de mulato e negro; 7. Capanga; 8. Cangaceiro; 9. Morador de propriedade rural; 10. Indivíduo, sujeito. 11. No jogo do bicho (q.v.), o 6º. grupo (14) que abrange as dezenas 21,22,23,24, e corresponde ao número seis.

Consideramos, tal qual Lakoff (1987), que o tratamento lexicográfico dispensado aos significados repertoriados nessa entrada não é consistente. Ou seja, embora o dicionário em questão tenha organizado os significados do verbete em foco a partir de uma escala de representatividade que vai de 1 a 11, parecendo, com isso, adotar um modelo categorial mais flexível e prototípico, tal perspectiva não se sustentaria. Isso porque, além de os significados terem sido organizados de forma linear não condizendo, assim, com o pretense caráter multidimensional dos sentidos polissêmicos aí apresentados, não se encontra explicitado qual o tipo de relação existiria entre o significado de base e os figurados, isto é, qual seria o tipo de relação entre os significados disjuntos ‘animal’ e ‘ser humano’, no caso, ‘mestiço de mulato e negro’; ‘capanga’; ‘cangaceiro’; ‘morador de propriedade rural’; e, ‘indivíduo’, ‘sujeito’.

Nessa perspectiva, mesmo estimando que, nos últimos tempos, a Semântica Cognitiva, doravante SC, teria tido um grande impacto nos estudos lexicais, Geeraerts (2009, p. 56) declara que:

(...) várias das práticas de definição e de descrição já existentes no dicionário que são, de algum modo, duvidosas a partir de um ponto teórico mais antigo recebem uma interpretação e legitimidade natural no modelo teórico oferecido pela SC. Mais especificamente, existem três aspectos da concepção cognitiva da estrutura semântica lexical que devem ser discutidos: a importância dos efeitos prototípicos para a estrutura lexical, a intratabilidade da polissemia e a natureza estruturada da polissemia.

Geeraerts (2009) assinala ainda que os efeitos prototípicos tornam menos nítida a distinção entre informação semântica e informação enciclopédica, contrariando, assim, a visão de lexicólogos, como Welker (2004), que preconizam que dicionário trata das palavras ao passo que a enciclopédia trata das coisas. O autor em questão descreve tais efeitos a partir da idéia de leitura central de um item lexical ou ainda de subconjunto central dentro do alcance extensional de uma leitura específica de um item lexical. Tal consideração se evidencia melhor na análise da lexia ‘fruto’ realizada pelo mesmo autor.

Em conformidade com tal análise, a lexia ‘fruto’ teria como leitura central ‘parte comestível’ e, como leituras figuradas e específicas ‘resultado de uma atividade laboral’, que se remeteriam, por sua vez, tanto à idéia de ‘fruto do trabalho’ como à de ‘filho de deus’ na condição de ‘fruto do ventre’. Nessa perspectiva, o significado ‘parte comestível’ seria mais saliente, isto é, teria mais peso estrutural do que as demais leituras específicas. Seria, por exemplo, o significado a ocorrer de imediato à mente de um falante quando indagado acerca de que tal palavra quer dizer. Além disso, seria a partir dessa leitura central que as demais leituras poderiam ser descritas.

Geeraerts avalia assim que:

A leitura básica, em outras palavras, é o centro de coesão semântica da categoria; ela mantém a categoria unida tornando outras leituras acessíveis. Em resumo, três características podem ser mencionadas como indícios para existência de uma leitura específica localizada na posição central da categoria: saliência psicológica, frequência relativa de uso e vantagem interpretativa.

Contudo, efeitos de centralidade não estão restritos ao nível dos significados, mas podem ser invocados também no nível da referência. Quando incitados, os europeus citarão mais prontamente maçãs e laranjas como tipos de fruta do que abacates e romãs, e referências a maçãs e laranjas são

provavelmente mais frequentes em um contexto europeu do que referências a mangas. (GEERAERTS, 2009, p. 58).

Nesse sentido, Lakoff (1987) avalia que teorias, especialmente a Teoria Clássica das Categorias, não apresentam um tratamento adequado para a polissemia. Pois, em vez de abordar o caráter conceptual da polissemia com base nas relações de vários significados disjuntos que estruturam um dado item lexical, essas teorias se voltam para a discussão da relação entre os significados a partir apenas de um conceito geral e abstrato.

Em suma, de acordo com a TMCI, os significados de uma palavra polissêmica podem se encontrar estruturados a partir de uma escala de significados mais ou menos representativos, a exemplo da análise supracitada de Geeraerts (2009) acerca da lexia 'fruto'. Ou seja, para a TMCI, os significados polissêmicos, além de apresentarem caráter motivado, se estruturam de forma mais ou menos representativa, encontrando-se, assim, mais próximos ou mais distantes do núcleo da categoria, ou do protótipo ou ainda da leitura central, como quer Geeraerts (2009).

Estruturação da polissemia da expressão *cabra*

Para discutirmos a estruturação da polissemia da expressão convencional *cabra*, lançaremos mão, conforme assinalado na introdução deste artigo, de dados coletados por ocasião de nossa pesquisa de doutoramento, especialmente, da definição do verbete *cabra* encontrada em Ferreira (2004), das definições constantes nas

respostas de 123 participantes que responderam a quatro questionários (ver anexo) aplicados entre o ano de 2010 e 2013 na cidade de Fortaleza e das definições de especialistas a exemplo de Cascudo (2009) e Freyre (2004).

Com efeito, os procedimentos de coleta de dados realizados por ocasião de nossa pesquisa de doutoramento se deram a partir de três diferentes gêneros: definição, documento literário e questionário. Contudo, por uma questão de espaço, apresentaremos, neste artigo, a discussão que fizemos com base na definição de ‘cabra’ encontrada em Ferreira (2004), naquelas produzidas pelos 123 participantes que responderam aos quatro questionários e por especialistas como Cascudo (2009) e Freyre (2004). Dessa forma, a análise a que nos propomos neste artigo contemplará, sobretudo, a questão da prototipicidade na conceptualização de homem em termos de cabra. Em outras palavras, como apresentaremos resultados parciais de nossa investigação acerca da estruturação da polissemia da expressão convencional *cabra*, não trataremos da rede semasiológica de tal expressão.

Outro aspecto importante a ser destacado é quanto ao caráter quali-quantitativo de nossa pesquisa. Ou seja, para o tratamento dos dados coletados por ocasião de nossa pesquisa de doutoramento, adotamos uma abordagem primordialmente qualitativa bem como procedimentos de caráter quantitativo, já que foi feito tratamento percentual dos dados em questão.

Ainda é necessário ressaltar que a maior parte dos respondentes dos quatro questionários que foram aplicados entre os anos de 2010 e 2013 dispõe de nível universitário não concluído e apresenta faixa etária entre 19 a 29 anos. Por outro lado, não constituíram variáveis de análise:

a idade, o gênero, a classe social tampouco o nível de escolaridade e naturalidade/nacionalidade desses respondentes. A razão pela qual adotamos tal recorte metodológico se deu por pretendermos, inicialmente, examinar como a expressão *cabra* é percebida e entendida de forma global. No entanto, perspectivamos, *a posteriori*, analisar tal fenômeno com base nas variáveis acima mencionadas.

Nesse sentido, discutimos e analisamos, inicialmente, os significados elencados no verbete *cabra* constante em Ferreira (2004) bem como os significados atribuídos à expressão convencional *cabra* pelos 123 respondentes dos quatro questionários aplicados entre os anos de 2010 e 2013, para em seguida, problematizarmos tais significados em relação com aqueles elaborados por Cascudo (2009) e Freyre (2004). Para tanto, elaboramos os quatro questionários de modo a indagarmos os respondentes, entre outras, acerca da referência da expressão convencional *cabra* a animal e, se ‘cabra’ seria antes de tudo ‘mestiço de mulato e negro’, e, em seguida, ‘capanga’, ‘cangaceiro’, ‘morador de propriedade rural’ e por último ‘indivíduo’ tal qual propõe Ferreira (2004).

De acordo com os respondentes, efetivamente, ‘animal’ seria o significado prototípico da expressão em questão, tendo em vista que 45% de 31 respondentes disseram que era a imagem de um ‘animal’ que lhes vinha à cabeça quando ouvia a palavra ‘cabra’ ao passo que 15,2% responderam ‘homem’; 9,1% responderam ‘cabra da peste’ e ‘leite’; 6,1% responderam ‘macho’. 6,1% não responderam; 3% responderam ‘carneiro’; 3% responderam ‘ladrão’ e ‘zona rural’.

Por outro lado, o significado metafórico mais representativo da expressão em questão indicado por tais respondentes seria ‘um homem’

e o menos representativo ‘capanga’. Interessante notar que se não é perfeitamente claro para os respondentes que ‘cabra’ se refira a qualquer indivíduo do sexo masculino ou a algum tipo de indivíduo do sexo masculino, há perfeita clareza de que ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’ se referem a indivíduo do sexo masculino brasileiro e nordestino.

Há que se dizer que indagamos, no questionário 1 (ver anexo), aplicado em 2013, os respondentes sobre os significados de ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’ no âmbito da polissemia da expressão convencional *cabra* porque houve menção a essas expressões nos dados coletados a partir do questionário instrumento aplicado em 2010. Além disso, na definição do verbete *cabra* formulada por Ferreira (2004), consta a expressão ‘cabra da peste’ na condição de subentrada.

Ainda de acordo com os respondentes, ‘cabra’ não seria ‘mestiço de mulato e negra’ nem ‘morador de zona rural’, tampouco ‘jagunço’, nem ‘cangaceiro’. Ou seja, foi possível verificar sérios indicativos de que, para os respondentes, o significado metafórico ‘um homem’ é bastante representativo da expressão convencional *cabra* ao passo que o significado metafórico *capanga* (ou *jagunço*) é o menos representativo da expressão em questão. Além disso, foi igualmente possível observar que ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’ foram considerados por eles como significados representativos no que tange à tipologia desse ‘cabra’. Sem valor de generalização, portanto.

Com efeito, além de conceptualizarem ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’ em termos de algum indivíduo do sexo masculino brasileiro e nordestino, os respondentes ordenaram tais expressões como a segunda e a terceira referência mais próximos do que seria para eles verdadeiramente ‘cabra’. Diante de tais resultados, estimamos

encontrar sérios indícios de que a polissemia dessa expressão se estruturaria de forma multidimensional, cujos significados ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’ se encontrariam estruturados a partir de uma relação metonímica com o significado metafórico mais representativo ‘um homem’, que, por sua vez, seria estruturado como base no mapeamento do MCI Homem em termos do MCI Cabra.

Nesse sentido, os dados nos apontaram que se a expressão *cabra* evoca nos respondentes a imagem, principalmente, do animal, evoca, de forma secundária, a imagem de homem (machista, ‘cabra da peste’ e ‘cabra macho’). Interessante notar que, embora não aprovelem que o homem nordestino tenha ‘cabra’ como imagem representativa nem considerem adequado o uso de ‘cabra’ para se dirigir às pessoas de seu convívio íntimo, muito menos às pessoas da alçada profissional ou que gozam de postos altos na hierarquia social, os respondentes visualizam uma imagem positiva do ‘cabra’ quando pensam na expressão *cabra bom*, além de não verem sentido no dito popular *Não há doce ruim e cabra bom*.

Ademais, os respondentes reconhecem que há diferença em fazer uso da expressão em questão em vez de fazer uso de ‘homem’, de ‘cara’ e de ‘rapaz’ quando desejam se referir a um representante masculino da espécie humana. Segundo boa parte desses respondentes, existiria aí uma diferença, sobretudo de caráter dialetal. Parte dos respondentes afirma que essa diferença dialetal enaltece as características desse homem cabra, isto é, esse homem teria enalticidas suas qualidades de trabalhador, de corajoso, de forte, de valente, de persistente, de resiliente e de resistente. Outra parte desses respondentes avalia que tal diferença pode denegrir o homem que está sendo chamado de ‘cabra’,

isto é, esse homem estaria sendo reconhecido pela sua rusticidade, seu machismo e iletramento.

Dessa forma, compreendemos que haja evidência tanto da conceptualização de homem em termos de animal, especialmente da metáfora de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL, quanto da conceptualização de homem em termos de cabra, especialmente das metáforas de nível específico que mapeiam características positivas e negativas de homem em termos de cabra de acordo com a avaliação que tal animal recebe dos membros da comunidade de Fortaleza.

Necessário ainda assinalar que, segundo os respondentes, se o uso da expressão convencional *cabra* em termos de homem é reconhecido, o uso em termos de mulher não o é. O que contraria a escala de significados repertoriados por Ferreira (2004) para definição do verbete *cabra*.

Nessa perspectiva, os dados apresentam informações consistentes quanto ao caráter polissêmico da expressão convencional *cabra*, já que os respondentes reconhecem que tal expressão se refere tanto a animal como a homem em geral como a certo tipo de homem (macho, viril, trabalhador e rude), além de avaliarem que *cabra* é ofensivo, mesmo não concordando com o dito popular *Não existe doce ruim e cabra bom*. Em outras palavras, podemos afirmar que a expressão *cabra* é polissêmica tanto no âmbito da semântica lexical como da semântica cognitiva.

Conforme acima assinalado a partir das ponderações de Lakoff (1987) e Geeraerts (2009), se a semântica lexical não discute qual tipo de relação estrutura os significados disjuntos da expressão em estudo, a SC pleiteia que tal polissemia teria como base a relação estruturada e motivada pela projeção metafórica entre os domínios fonte e alvo de

dois diferentes MCIs, no caso os MCI Cabra e o MCI Homem. Tal projeção metafórica levaria, ainda segundo a SC, à outra evidência: a de que o conceito que se encontra mapeado por um elemento do domínio fonte em um dado MCI, estrutura, igualmente, o significado não metafórico da palavra polissêmica.

Como exemplo de tal tipo de evidência, Lakoff (1987) cita estudo desenvolvido por Filmore acerca do adjetivo 'longo', no qual o mapeamento entre o domínio fonte do MCI Espaço e o domínio alvo do MCI Tempo licencia o significado não metafórico em termos de espaço de tal adjetivo. No caso da expressão 'cabra', no qual domínio fonte do MCI Cabra mapeia o domínio alvo do MCI Homem, o significado não metafórico animal seria igualmente o significado não metafórico da expressão correlata.

Com efeito, o conceito de Ser Humano pode ser estruturado com base em vários MCIs, especialmente o MCI Metafórico SER HUMANO É ANIMAL. De acordo com Kövecses (2010), o domínio fonte Animal mapeia majoritariamente o domínio alvo Ser Humano e o domínio alvo Comportamento Humano, além de mapear em menor escala os domínios alvo Coisas e Partes do Corpo Humano.

Para o autor em questão, as metáforas animais são metáforas complexas organizadas em torno da metáfora de nível genérico, de natureza potencialmente universal, SER HUMANO É ANIMAL, e das metáforas de nível específico, de caráter variacional PESSOAS SÃO ANIMAIS E COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL. Importante ressaltar que Kövecses (2010) identifica, tal qual Gibbs (2008), uma tensão entre os aspectos universais e variacionais das metáforas. Para Kövecses (2010), mesmo que não se possa prevê a

partir da aplicação de princípios gerais quais são as Metáforas Conceptuais de uma língua, seria pouco plausível esperar que as Metáforas Conceptuais das línguas contrariem as experiências corpóreas humanas universais.

Nesse sentido, Kövecses (2005) preconiza que haveria metáforas complexas constituídas de nível genérico, de caráter potencialmente universal, e de nível específico no qual tais metáforas variariam em função dos diferentes preenchimentos culturais, a exemplo de metáforas como UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO e SER HUMANO É ANIMAL. A título de ilustração, tal autor cita em seu livro *Metaphor in Culture* que a Metáfora Conceptual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, de acordo com pesquisas, foi encontrada nas línguas chinesa, húngara, inglesa, japonesa, polonesa, wolof e zulu. Por outro lado, foi verificado que tal metáfora apresenta variações em função do tipo de recipiente pressurizado, já que, por exemplo, na língua japonesa, o recipiente pressurizado seria barriga e na língua zulu, seria o coração.

Em relação às metáforas de nível específico PESSOAS SÃO ANIMAIS e COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL, Kövecses (2010) pondera que, segundo estudos, tais metáforas tendem a formular e motivar conceitos de caráter negativo. No caso em que tais metáforas se comportarem como tal, o autor em questão as considera como PESSOAS REJEITÁVEIS SÃO ANIMAIS e COMPORTAMENTO HUMANO INDESEJÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL.

Nesse sentido, observamos de acordo com os dados levantados com base tanto na aplicação dos supracitados questionários como com base nas definições fornecidas por especialistas, a exemplo de Cascudo

(2009) e de Freyre (2004), que o mapeamento metafórico entre os dois MCIs que estruturam a polissemia da expressão *cabra* se encontra motivado por crenças e percepções positivas e negativas acerca da cabra por parte os membros da comunidade de Fortaleza. Há que se dizer que se, para Cascudo (2009, p.61), a expressão *cabra* se encontra conceptualizada de forma negativa, já que “todas as estórias referentes aos ‘cabras’ são pejorativas e são eles entes malfejos, ingratos, traiçoeiros”; para Freyre (2004, p.172), *cabra* é, tal qual define Rodrigues de Carvalho, “o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o ‘cabra danado’. O ‘cabra escovado’. O *cabra* bom. O *cabra* de confiança. A ele a imaginação do povo atribui uma potência sexual [...]”.

Quanto à avaliação do animal *cabra* por parte dos membros da comunidade nordestina, Cascudo (2009), ao discorrer sobre a história desse animal, nos informa que, do convívio com o animal, teriam surgido histórias segundo as quais tanto o bode quanto a *cabra* desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com o *coisa ruim*.

Cascudo (2009) também nos informa que, já no século XVI, além de a *cabra* constar nos cardápios populares da região setentrional do Brasil, era o seu leite que garantia a alimentação da criança brasileira. Daí, segundo o mesmo autor, ter surgido crenças por parte de membros da comunidade nordestina, particularmente sertaneja, de que a *cabra* ao ter parte com o *coisa ruim* poderia transmitir para criança através de seu leite seu “caráter inquieto, buliçoso e arrebatado”. Assim se “um menino, era demasiado vivo, arteiro, endiabrado, [teria] a justificativa no leite da *cabra*” (CASCUDO, 2009, p. 62).

Consoante a história da cabra e seu papel sócio-econômico e cultural no Nordeste, especialmente na cultura sertaneja, evidenciados por Cascudo (2009), pleiteamos que a cabra seria avaliada tanto de forma negativa, já que tem parte com o *coisa ruim* e através de seu leite pode transmitir à criança seu caráter endiabrado, como de forma positiva por ter sido a grande provedora de alimento da criança brasileira.

Em suma, podemos inferir que se, de um lado, a metáfora de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL mapeia a expressão cabra, as metáforas de nível específico variam da seguinte forma, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM ILETRADO, RÚSTICO É CABRA, PESSOAS SÃO ANIMAIS, isto é HOMEM VALENTE, RESISTENTE, DETERMINADO É CABRA.

Nessa perspectiva, consideramos que os significados disjuntos da expressão *cabra* se encontraram estruturados a partir da relação sistemática entre o agrupamento de modelos, os MCIs Cabra e Homem, motivado por entendimentos por parte de membros da comunidade de Fortaleza em torno de crenças e percepções acerca do papel sócio-econômico e cultural da cabra. Dessa forma, o significado básico ‘animal’ da expressão *cabra* e os demais significados metafóricos emergiriam da relação multidimensional entre MCIs Cabra e Homem de maneira que o significado metafórico mais representativo seria ‘homem’ e o menos representativo seria ‘capanga’.

Considerações finais

Consoante Lakoff e Johnson (1980), a formação dos conceitos, sobretudo, abstratos teria como base a interação entre o aparato sensório-motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado, isto é, seria necessário adotar a visão de uma mente corpórea para tratar satisfatoriamente da formação de tais conceitos. Nesse sentido, tal qual aponta Lakoff (1987), teorias a exemplo da Teoria da Mononímia, do Significado Literal ou da Hipótese da Similaridade não dariam conta de explicar a relação entre significados disjuntos de determinado item lexical.

Por outro lado, segundo Lakoff (1987), para que se possa tratar desse tipo de relação numa perspectiva semântico-conceptual, seria necessário abordar a organização conceptual de um dado sistema conceptual com base na formação e funcionamento de MCIs na condição de agrupamento de modelos.

Nessa perspectiva, pleiteamos que a polissemia da expressão *cabra* se encontra estruturada a partir de agrupamento de modelos no qual o domínio fonte do MCI *Cabra* mapeia o domínio alvo do MCI *Homem* e o MCI *Homem* estrutura relações metonímicas com os conceitos de ‘cabra da peste’ e de ‘cabra macho’, motivados por entendimentos compartilhados por membros da comunidade contemporânea de Fortaleza acerca do papel sócio-econômico e cultural da cabra, fazendo emergir os significados licenciados pelas metáforas animais SER HUMANO É ANIMAL, PESSOAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS.

Conforme acima assinalado, tornamos a ressaltar que devido a recortes metodológicos necessários de serem realizados em qualquer investigação, não estabelecemos como escopo de nosso estudo acerca da polissemia da expressão convencional *cabra* os aspectos variacionais relativos ao uso da expressão em questão. Além disso, não tratamos de aspectos de natureza automática e inconsciente relativos à conceptualização porque, como nos orienta Lakoff (1987): os estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva devem se preocupar e apresentar detalhamento nos recortes metodológicos e análises promovidas de forma que tais estudos possam ser abordados por outras técnicas de natureza experimental voltadas para investigação dos aspectos de caráter inconsciente da cognição humana.

Por outro lado e igualmente acima assinalado, perspectivamos, a *posteriori*, a retomada do tema aqui tratado a partir de uma discussão acerca de uma visão mais problematizada do perfil dos usuários da expressão convencional *cabra*, residentes na cidade de Fortaleza. Além disso, Freyre nos instiga a investigar a formação do conceito *cabra* quando afirma que:

O homem do povo do Nordeste tem hoje pouco de todas essas figuras, um pouco dos característicos em que se especializou cada uma delas. Do mesmo modo que tem o sangue de todas mais o sangue-azul das casas-grande. E, em certos trechos, é talvez o mestiço brasileiro mais próximo daquela relativa estabilidade de traços, semelhante à do polinésio, que um dia permitirá talvez falar-se de uma raça ou quase-raça brasileira de homem moreno do Nordeste, se alguma massa considerável de imigração estrangeira não vier, em dia mais próximo, perturbar a miscigenação dos elementos tradicionais. Mas perturbá-lo de modo violento, que lhe destrua os característicos já quase assentados, entre traços ainda instáveis e variados (FREYRE, 2004, p. 122).

O nosso pensador pernambucano nos faz ainda conhecer e pensar a respeito de um aforismo que circulava em Pernambuco segundo o qual *Todo doce se converte em cólera*. O que nos faz lembrar de outro que dizia que *Não há doce ruim e cabra bom*.

Ainda em relação a possíveis desdobramentos de nossa pesquisa de doutorado, estimamos importante o cotejo da definição da expressão aqui tratada a partir de outros dicionários gerais brasileiros, de igual prestígio ao que usamos como base em nosso estudo, a exemplo de Borba, Houaiss e Michaelis. Além disso, seria de igual importância investigar o nosso objeto a partir de perspectiva histórica, já que as Metáforas Conceptuais são igualmente abordadas com base no seu grau de opacidade no decorrer do tempo.

Para finalizar, segundo Lakoff (1987), os estudos voltados para a polissemia com base na formação e funcionamento de MCIs demonstram que o caráter arbitrário da relação entre significado e forma se encontraria mais distante do léxico mental do que se poderia imaginar. Ou seja, ainda segundo o mesmo autor, o que poderia ser efetivamente arbitrário seria a sequência fonêmica da expressão convencional *cabra*, por exemplo. Mas, o fato de essa sequência fonêmica apontar para as relações conceptuais acima discutidas, tornaria uma abordagem com base numa visada arbitrária bastante inconsistente.

Em outras palavras, pleitear que a relação entre significados disjuntos se estrutura a partir da formação e funcionamento de MCIs, no âmbito do léxico mental, serviria para reduzir postulações acerca do caráter arbitrário da correspondência entre significado e forma.

Em suma, embora acreditemos que seja necessário que se investiguem os processos psicológicos envolvidos na estruturação da relação dos significados disjuntos da expressão *cabra*, estimamos que, com esse tipo de discussão, trazemos contribuições, ainda que modestas, para o tratamento acerca da arbitrariedade entre significado e forma.

Referências

- CASCUDO, Luís Câmara. *Coisas que o povo diz*. São Paulo: Globo Editora, 2009.
- CAVALCANTI, Fernanda C. *A análise da expressão convencional cabra sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados*. 2014. 246p. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipurcs, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. São Paulo: Global Editora, 2004.
- GEERAERTS, Dirk. A prática definitória dos dicionários e a concepção semântico-cognitiva de polissemia. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n.25, p.55-76, jul-dez, 2009.
- GIBBS, Raymond. *The poetics of mind: Figurative thought, language, and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. PhD Dissertation. Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Metaphor: a practical introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida cotidiana*. São Paulo/Campinas: Educ/Mercado de Letras, 1980.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the human mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: *Metaphor and Thought*. (Org.). Ortony, Andrew. Nova York: Cambridge University Press, 1993. p.1-47.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. *Categorização semântica: uma retrospectiva de teorias e pesquisa*. *Revista do Gelne*, v. 4, n. 1/2, 2002.

_____. Cognição e linguística. In: MACEDO, Ana Cristina. Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Org.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 9-37.

ROSCH, Eleanor ET AL. Basic Objects in Natural Categories. *Cognitive Psychology*. v.8, p. 382-439,1976.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

Anexo

Questionário Instrumento.

1. O que lhe vem à mente quando você ouve a palavra CABRA? Liste as palavras que lhe vem à cabeça.
2. Você acredita que o termo CABRA é usado para designar indivíduo do sexo masculino?
3. O que é para você verdadeiramente um cabra? Ordene os termos abaixo numa lista. (Cabra Macho, Cabra da Peste, Cabra Bom, Homem, Cabra Reparigueiro, Cabra Véi, Um sujeito qualquer e Capanga)

Questionário 1

1. Você acredita que o homem e a mulher são animais?
2. Se você acredita que tanto o homem quanto a mulher são animais, qual seria a diferença entre homem/mulher animal e os demais animais?
3. Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? Por quê?
4. Você concorda com a definição segunda a qual CABRA se refere a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro/Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro.
5. Você acha que a expressão CABRA DA PESTE e CABRA MACHO se referem a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro / Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino
6. Você acha que CABRA é usado também para se referir: Qualquer indivíduo de sexo feminino/Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro/Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro/Só se refere a indivíduo do sexo masculino
7. Quando você ouve a expressão CABRA BOM, que tipo de imagem lhe vem à cabeça?
8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?
9. Você concorda com definição segundo a qual CABRA é um jagunço?

10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?
11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?
12. Você concorda com a expressão que diz que “Não há doce ruim e CABRA bom”?
13. “Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!” Ao ler essa passagem do romance FOGO MORTO, de José Lins do Rego, você acha que essa idéia de homem é adequada, é real?

Questionário 2

1. Você gosta de animais?
2. Você cria algum animal?
3. Você tem ou já teve algum contato direto com *Cabra*?
4. Quando você pensa em *Cabra* o que lhe vem à mente?
5. Você associa *Cabra* a alguma simbologia?
6. Qual seria para você uma característica marcante de *Cabra*?
7. Você conhece alguma historia interessante com *Cabra*?
8. Você acha que *Cabra* estaria mais associada a alguma região do Brasil?
9. Você vê alguma função específica de *Cabra* para o contexto sócio-cultural em que vive?
10. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a idéia de companheirismo?
11. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a idéia de violência?
12. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a idéia de valentia?
13. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a ideia de virilidade?
14. Você acha que *Cabra* representa melhor o gênero masculino ou feminino?
15. Você gosta do cheiro de cabra?
16. O que você acha da aparência de *Cabra*? Você a acha um belo animal?

Questionário 3

1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?
2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?
3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por *Cabra*?
4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de *Cabra* ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?
5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a *Cabra* que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem ?
6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental relativo à *Cabra* que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?
7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de *Cabra*? Por quê?
8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamados por você de *Cabra*? Por quê?
9. Você acha que o *Cabra* tem nacionalidade ou naturalidade específica?
10. Você se vê representado por algum animal? Qual seria?

Recebido em 14/09/2015. Aprovado em 30/11/2015.